



**Lisbon
& Estoril '13**
Film Festival
SELECÇÃO OFICIAL Fora de Competição

VENCEDOR DO PRÉMIO
UN CERTAIN REGARD
FESTIVAL DE CANNES

A IMAGEM QUE FALTA

um filme
RITHY PANH



UM FILME ESCRITO E REALIZADO POR RITHY PANH TEXTO ESCRITO POR CHRISTOPHE BATAILLE E LUDO POR RANDAL DOUC

MÚSICA ORIGINAL MARC MARDER EXECUTORA SARITH MANG FOTOGRAFIA PRUM MESAR MONTAGEM RITHY PANH E MARIE-CHRISTINE ROUGERIE EDITORA DE SOM ERIC TISSERAND EDITOR VÍDEO NARIN SAOBARA UMA CO-PRODUÇÃO COP, ARTE FRANCE, BOPHANA PRODUCTION
COM O APOIO DE LA RÉGION ÎLE-DE-FRANCE EM PARCERIA COM CNC A PARTICIPAÇÃO DO PROGRAMA MEDIA DA UNIÃO EUROPEIA E O APOIO DE LA PROCIPEP SOCIÉTÉ DES PRODUCTEURS, L'ANGGA DISTRIBUIÇÃO LEOPARDO FILMES

WWW.LEOPARDOFILMES.COM

LEOPARDO
FILMES

MEDIA
Associação de Produtores

FACEBOOK.COM/LEOPARDOFILMES

A IMAGEM QUE FALTA

Existem tantas imagens no mundo que passámos a acreditar que já vimos tudo. Pensado tudo. Há muitos anos que procuro uma imagem que falta. Uma fotografia tirada entre 1975 e 1979 por *Khmers Vermelhos* quando estavam no poder no Camboja. É claro que por si só uma imagem não pode provar o assassinio em massa, mas leva-nos a pensar, encoraja-nos a meditar, a registar a História.

Procurei-a em vão em arquivos, no meio de documentos, nas aldeias do meu país. Hoje sei que essa imagem deve estar perdida e que, na realidade, eu não estava à procura dela; não seria isso obscuro e insignificante? Então, eu criei-a.

O que vos dou hoje não é uma imagem, ou a busca de de uma única imagem, mas sim a imagem de uma busca: uma busca que o cinema permite.

Certas imagens devem estar sempre em falta, devem ser trocadas por outras: neste movimento há a vida, a luta, a dor e a beleza, a tristeza das caras perdidas, a compreensão daquilo que já foi, talvez a nobreza e, até mesmo, a coragem. Mas o esquecimento, nunca.

Rithy Panh



ENTREVISTA COM RITHY PANH

(Jean-Claude Raspiengeas – La Croix)

O realizador cambojano, autor de *A IMAGEM QUE FALTA*, explica os processos de criação do seu filme, profundamente enraizados nas suas memórias: as que tem e aquelas que não pode ter.

A que necessidade interior responde o seu filme A IMAGEM QUE FALTA?

Eu queria encontrar as imagens e as histórias existentes sobre o genocídio do povo cambojano entre 1975 e 1979. Um crime em massa que não deixou imagens. Estava à procura da “imagem que falta”. No entanto, ela existe sobretudo na minha mente. Não queria voltar aos lugares. A casa da minha infância tornou-se um bordel. Construí maquetes do meu bairro, da minha casa em Phnom Penh. Mas não consegui encontrar o ambiente da minha infância.

Pedi a um escultor para me fazer um pequeno homem utilizando a terra como material. Quando vi nascer aquele personagem a partir do barro soube que a “imagem que falta” estava lá. Continuei a pedir-lhe outras personagens e foi surgindo o universo terrível desses anos. Fiquei perturbado ao ver vida a brotar da mesma terra onde repousam os mortos.

Tinha decidido filmar um documentário sobre as imagens de propaganda e a linguagem torcida e deformada da ideologia da desumanização, mas percebi que os *khmers* não tinham conseguido forjar a imagem nas nossas mentes. Optei pela radicalidade: concentrar o filme nestas personagens de barro. Queria alcançar uma proposta cinematográfica diferente e original. Não queria repetir-me.

Porque escolheu não animar as figuras?

Aqueles que, como nós, atravessaram estas provações morreram uma vez. Nós somos os sobreviventes. Nós revivemos, mas com uma parte morta. Como falar dessa morte em nós? É por esta razão que eu escolhi não animar estas figuras. Estes personagens congelados em argila revelam-se mais fortes, por vezes, do que os arquivos ou as imagens filmadas de propaganda.

Para mim, os mortos estão ao mesmo tempo congelados e não congelados. Perdi os nomes, mas não os rostos. Trabalhei apenas com um escultor, Sarith Mang, que dedicou o seu tempo e cujo estilo passa por conferir uma unidade à diversidade das personagens e às suas expressões. Ele é jovem e não conhecia a história dos *khmers* vermelhos. Trabalhar com ele obrigou-me a voltar ao passado para lhe contar o que tinha acontecido. Encontrei nele a poesia dos grandes artistas que conservam a inocência da infância. O mesmo sucedeu com a gravidade presente na música de Marc Marder. A voz de Randal encaixa-se na perfeição, durante todo o filme.





O que sentiu quando percebeu que a forma do seu filme passava por estas personagens feitas de barro?

Um prazer enorme. Nos últimos 8 meses trabalhei sem parar, dia e noite. Já não sentia o cansaço. Não poderia ter feito este filme há vinte anos. Tive razão em esperar.

Que tipo de trabalho interior desenvolveu para alcançar este projecto notável e impressionante?

É difícil viver, sempre. Eu quero acreditar nas virtudes do esquecimento. Paul Ricoeur escreveu belas páginas sobre o dever do esquecimento. Mas as imagens do passado estão impressas em si mesmas. As imagens que fazem mais falta são aquelas que eu não experienciei. Quantas vezes me imaginei a passear com os meus pais já velhos nos parques de Phnom Penh... dar-lhes a mão, caminhar com eles... estes momentos fazem-me realmente falta. Como é que se esquece?

O filme está permanentemente num movimento duplo: esquecer é impossível para o sobrevivente e, ao mesmo tempo, ele não deve esquecer.

Sim, é verdade. É o mesmo processo do perdão. Como fazer? Quando filmei “Dutch, le maître des forges de l’Enfer” vi que a solução não era deixá-lo trancado numa prisão o resto dos seus dias. Eu tê-lo-ia enviado para a sua aldeia para enfrentar o passado, as suas antigas vítimas. O que devemos fazer com os torturadores, 35 anos depois?

A imagem da onda que abre e fecha o filme é muito violenta e muito eloquente na sua confusão...

O passado ergue-se como uma onda muito forte. Há três dias, estava em casa de um amigo que viveu a mesma experiência. Um dos seus amigos, também ele sobrevivente de um campo dos *Khmers*, suicidou-se. Com a idade vamos sendo engolidos por essa angústia e essa tristeza. A dor torna-se mais aguda, mais precisa. Gostaríamos de domar esses assaltos de memórias, mas não conseguimos. Quando vivemos na realidade estes acontecimentos, é difícil esquecê-los. Como eliminá-los e suavizá-los?

Considera que o seu trabalho ajuda a repelir as memórias, a dominar as imagens?

Certamente. Entre essas ondas caóticas que me invadem, eu tenho de manter a cabeça fora de água. A arte, a criação e o cinema restabelecem o fôlego da alma. Eu estou morto. Eu renasço. Mas renasci com a morte. Ao mesmo tempo, essa morte reconstruiu-me. A reconstrução de uma identidade depois de se regressar de uma tal desintegração é longa e complicada. O tempo assusta-me. Não pensei que demorasse uma vida inteira...



RITHY PANH

Nascido em Phnom Penh, Camboja

Estudou no Institut des hautes études cinématographiques (IDHEC).

Filmes

Site 2, 1989

Souleymane Cissé, 1990

Cambodia, entre guerre et paix, 1992

Neak sre (Rice People), 1993-1994

Bophana, une tragédie cambodgienne, 1996

Un soir après la guerre, 1996-97

Lumières sur un massacre - 10 films contre 110 000 000 de mines, 1997

Para a série "50 ans et un monde": Van Chan, une danseuse cambodgienne, 1998

La terre des âmes errantes, 1999

Que la barque se brise, que la jonque s'entrouvre, 2000

S21, la machine de mort khmère rouge, 2002

Les gens d'Angkor, 2003

Les artistes du théâtre brûlé, 2005

Le papier ne peut pas envelopper la braise, 2006

Uma Barragem Contra o Pacífico, 2009

Dutch, le maître des forges de l'Enfer, 2010

Gibier d'élevage, 2011

Livros

La Machine de mort Khmère Rouge, Monti Santésok S-21, Editions Flammarion

Com a colaboração de Christine Chaumeau

Publicado em Abril de 2003

Le papier ne peut pas envelopper la braise

Editions Grasset

Com a colaboração de Loui se Lorentz

Publicado em Abril de 2007

L'Élimination

Editions Grasset

Com Christophe Bataille

Publicado em Janeiro de 2012



“

Cannes 2013: ausência

O novo filme de Rithy Panh fala-nos desse paradoxo trágico que pode ser a imagem que permanece ausente (*image manquante/missing pictures*). Rithy Panh é um cineasta cambojano (n. 1964) que conheceu a violência dos “campos de reabilitação” do regime dos Khmers Vermelhos. Quando conseguiu fugir para a Tailândia, aos 15 anos, tinha perdido pai, mãe e irmãos. Foi em Paris que estudou cinema e começou a construir uma obra cuja fundamental exigência é não esquecer as atrocidades ocorridas no seu país. *L’Image Manquante* (secção “Un Certain Regard”) é mais um momento modelar da sua trajectória, como o título sugere reflectindo sobre aquilo que está em falta: a imagem de uma violência que, afinal, foi pouco documentada. Daí a opção radical: trabalhando com cenários e personagens em miniatura (bonequinhos de barro, de facto), Rithy Panh constrói o contundente retrato de um regime que, como ele diz, para além do menosprezo total pelo factor humano, se empenhou em “substituir” a realidade pela (sua) ideologia. Embora utilizando algumas (muito poucas) imagens de arquivo, raras vezes se terá visto um filme que, através de matérias tão candidamente artificiosas, consiga gerar um tão intenso e perturbante *efeito de verdade*. É uma lição de história e uma salutar pedagogia contra as ilusões de “transparência” com que, tantas vezes, em televisão, são tratadas as imagens de que se faz a história.

”

João Lopes (Sound+Vision)



A IMAGEM QUE FALTA

Festivais e Prémios

Festival de Cannes 2013 – Prémio Un Certain Regard
Oscars 2013 – Nomeação para Melhor Filme Estrangeiro
European Film Awards – Nomeação para Melhor Documentário
Cinemanila International Film Festival 2013 – Grande Prémio do Júri
Festival de Cinema de Ghent 2013 – Prémio Especial
Festival de Cinema de Jerusalem 2013 – Melhor Documentário

Ficha Técnica

Argumento e Realização: Rithy Panh
Argumento: Rithy Panh e Christophe Bataille
Voz: Randal Douc
Produção: Catherine Dussart
Música original: Marc Marder
Departamento de Arte (escultura): Sarith Mang
Fotografia: Prum Mésa
Som: Touch SoPheakdey, Sam Kakada
Montagem: Rithy Panh, Marie-Christine Rougerie